

PARTICIPAÇÃO DO COOPERATIVISMO ENTRE AS MAIORES EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Fátima Maria Pegorini Gimenes¹

Isabel Cristina Gozer²

Odair Alberton³

Régio Marcio Toesca Gimenes⁴

GIMENES, F. M. P.; GOZER, I. C.; ALBERTON, O.; GIMENES, R. M.T. Participação do cooperativismo entre as maiores empresas do agronegócio brasileiro. **Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR**, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 113-129, jan./jun. 2015.

RESUMO: O agronegócio é uma atividade abrangente que colabora para abastecer o mercado interno, exportar excedentes produtivos, gerar empregos e renda, além de possibilitar o crescimento econômico do país. Por sua vez, as cooperativas têm um papel importante em coordenar atividades agroindustriais tornando-as eficientes. Nesse sentido, destacam-se por agregar maior valor aos produtos e por sua cadeia produtiva que tem permitido ampliar as vendas internas e a pauta de exportações do setor. O cooperativismo agroindustrial passou a ser visto como uma alternativa para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro, tanto para grandes produtores rurais quanto para os pequenos e médios agricultores. O presente estudo tem como objetivo analisar a participação das cooperativas entre as quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro. A pesquisa será descritiva e documental, utilizando-se como procedimento metodológico o levantamento dos principais índices das cooperativas, em relação às quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro, no que se refere as vendas líquidas, a rentabilidade sobre as vendas, o endividamento geral, o número de empregados, os salários e encargos pagos, os tributos recolhidos e, finalmente, o valor das exportações. Os resultados do estudo permitem concluir que o índice de endividamento geral das cooperativas é o mesmo das empresas do agronegócio. Quanto à rentabilidade do patrimônio líquido, em média, as cooperativas apre-

¹Professora de Economia nos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Paranaense; Doutora em Administração pela Universidade de León. E-mail: fmgimenes@unipar.br

²Professora do curso de Ciências Contábeis - UNIPAR, Doutora em Engenharia de Produção pela UFSC, Coordenadora do Núcleo de Cursos da Área de Ciências Sociais Aplicadas - EAD. E-mail: isa@unipar.br

³Professor de Microbiologia Agrícola e Estatística Experimental pela UNIPAR; Doutor em agronomia pela Wageningen University - WUR, Holanda. E-mail: odair@unipar.br

⁴Pós Doutor em Finanças Corporativas pela FEA/USP – São Paulo, SP, professor titular da Universidade Paranaense. E-mail: toesca@unipar.br

sentaram uma taxa superior a das demais empresas do agronegócio. Já no que se refere aos tributos, as empresas investigadas pagaram, em média, 3,9 vezes mais tributos do que as cooperativas. Também, as empresas, em média, exportaram mais, geraram maior número de empregos e pagaram mais salários e encargos do que as cooperativas na amostra em estudo.

PALAVRAS CHAVE: Cooperativismo agroindustrial; Agronegócio; Indicadores Econômico-financeiros; Avaliação de desempenho.

COOPERATIVE PARTICIPATION AMONG THE LARGEST BRAZILIAN AGRIBUSINESS COMPANIES

ABSTRACT: Agribusiness is a comprehensive activity that contributes to the supply of the domestic market, exporting production surpluses, generating jobs and income, as well as enabling the economic growth of the country. In turn, cooperatives have an important role in coordinating agro-industrial activities, making them efficient. In this sense, they stand out by adding more value to the products, and for their productive chain, which has allowed the expansion of domestic sales and the agenda of the sector's exports. Agribusiness cooperatives came to be seen as an alternative to the development of Brazilian agribusiness, both for large and for small and medium farmers. This study aims to analyze the participation of cooperatives among the four largest companies in the Brazilian agribusiness. This is a descriptive and documentary research, using the survey of the main cooperative indexes in relation to the four largest companies in the Brazilian agribusiness as a methodological procedure. It studied the four hundred largest agribusiness companies in Brazil regarding net sales, sales profitability, overall debt, number of employees, salaries and charges paid, taxes paid and, finally, the value of exports. The study results support the conclusion that the overall debt ratio of cooperatives is the same as the ones of agribusiness companies. As for the return on equity, on average, cooperatives had a rate that was higher than the other agribusiness companies were. Regarding taxes, the companies investigated paid on average 3.9 times more taxes than cooperatives. It also showed that, on average, companies exported more, generate more jobs and pay higher salaries and charges than the cooperatives in the sample under study.

KEYWORDS: Cooperative agribusiness; Agribusiness; Financial Indicators; Performance Evaluation.

PARTICIPACIÓN DEL COOPERATIVISMO ENTRE LAS GRANDES EMPRESAS DE AGRONEGOCIO BRASILEÑO

RESUMEN: El agronegocio es una actividad amplia que contribuye a abastecer

el mercado interno, exportar excedentes productivos, generar empleos y rentas, además de posibilitar el crecimiento económico del país. A su vez, las cooperativas tienen un papel importante en coordinar actividades agroindustriales. En ese sentido, se destacan por agregar más valor a los productos y por su cadena productiva que ha permitido la expansión de las ventas internas y la agenda de las exportaciones del sector. El cooperativismo agroindustrial llegó a ser visto como una alternativa al desarrollo del agronegocio brasileño, tanto para los grandes productores rurales como para los pequeños y medianos agricultores. Este estudio tiene como objetivo analizar la participación de las cooperativas entre las cuatrocientas mayores empresas del agronegocio brasileño. La investigación es descriptiva y documental, utilizando como procedimiento metodológico el levantamiento de los principales índices de las cooperativas, con relación a las cuatrocientas mayores empresas del agronegocio brasileño, en cuanto a las ventas netas, a la rentabilidad sobre las ventas, la deuda total, el número de empleados, los sueldos e impuestos pagados, los tributos recogidos y, por último, el valor de las exportaciones. Los resultados del estudio permiten concluir que el índice de deudas general de las cooperativas es el mismo de las empresas del agronegocio. En cuanto a la rentabilidad sobre recursos propios, en promedio, las cooperativas presentaron una tasa superior a las demás empresas de agronegocio. En lo que se refiere a los impuestos, las empresas investigadas pagaron, en promedio, 3,9 veces más impuestos que las cooperativas. Además, las empresas, en promedio, exportaron más, generaron mayor número de puestos de trabajo y han pago más sueldos e impuestos en relación a las cooperativas de la muestra en estudio. **PALABRAS CLAVE:** Cooperativismo Agroindustrial; Agronegocio; Indicadores Económicos Financieros; Evaluación de Desempeño.

1 INTRODUÇÃO

A abertura das economias nacionais ao comércio internacional provocou uma crescente exposição das organizações produtivas domésticas à concorrência mundial. A mentalidade nacionalista e protecionista cede lugar a um novo pensamento, com isso, uma expressão surge: a globalização.

Para esta realidade, talvez a explicação mais didática seja a apresentada por Fonseca (1998, p. 2), ao argumentar que o fenômeno da globalização resulta da conjunção de três forças poderosas: “a terceira revolução tecnológica; a formação de áreas de livre comércio e blocos econômicos integrados; e, a crescente interligação e interdependência dos mercados físicos e financeiros, em escala planetária”.

Esse ambiente de negócios, de intensa concorrência entre países e blocos econômicos, faz com que a sobrevivência fique mais difícil para as empresas

menos eficientes e os gestores despreparados. Assim, para sobreviver e crescer, as organizações cooperativas ou não necessitam de uma gestão competente dos seus negócios, que adote estratégias diferenciadoras para atuar com vantagem competitiva nos mercados internacionais.

O agronegócio brasileiro é um setor de relevada importância, pois além de colaborar para abastecer o mercado interno tem sustentado a balança comercial do país. Possui uma significativa participação no PIB - Produto Interno Bruto, cerca de 22,34%. Segundo Barros, Silva e Fachinello (2011, p. 7) “o bom desempenho das atividades primárias e de processamento explica a performance alcançada pelo país”, quando o mundo vivenciava intensas crises.

Entre as empresas do agronegócio merecem destaque as cooperativas agroindustriais, que passam a ser vistas como uma alternativa para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro, tanto para grandes produtores rurais quanto para os pequenos e médios agricultores. Segundo Batalha (2008, p. 318) “a missão fundamental outorgada à economia empresarial cooperativa é servir como intermediária entre o mercado e as economias dos cooperados para promover seu incremento, justificando assim a denominação de marketing cooperativo e podendo promover a integração do produtor”.

Diante do exposto, a grande pergunta que se faz é a seguinte: qual é a participação das cooperativas entre as quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro? Para responder ao questionamento, foram apresentados os principais indicadores das cooperativas, em relação às quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro, quanto à vendas líquidas, rentabilidade sobre as vendas, endividamento geral, número de empregos gerados, salários e encargos pagos, tributos recolhidos e, finalmente, ao valor de suas exportações.

Além desta introdução, a pesquisa foi estruturada em mais cinco seções. A seção dois aborda os princípios e missão do pensamento cooperativista. Para uma melhor compreensão do tema traz ainda, um breve relato da evolução do cooperativismo no Brasil. Posteriormente, na seção três, apresenta-se a metodologia empregada. Na seção quatro, é apresentada a análise da participação das cooperativas, em relação 400 maiores empresas do agronegócio brasileiro. As seções cinco e seis trazem respectivamente as considerações finais e as referências.

Este estudo abre espaço para a realização de pesquisas posteriores proporcionando dessa forma, a diversificação do conhecimento acerca do cooperativismo brasileiro.

2 O COOPERATIVISMO: DEFINIÇÃO, PRINCÍPIOS E MISSÃO

O termo cooperação, etimologicamente, vem do verbo latino *cooperari*, cujo significado é operar juntamente com alguém, ou seja, trabalhar junto. Ao

definir cooperação Nilson (1994, p. 260), afirma que “é a organização de trabalho conjunto para obter benefícios mútuos.” Esse autor explica que é uma forma de negócio de propriedade democrática, sem fim lucrativo, controlado pelos membros que possuem necessidades comuns e recebem benefícios proporcionais à sua participação.

O cooperativismo, da forma como se conhece hoje, nasceu na Inglaterra em 1844, durante a Revolução Industrial, com o intuito de atenuar as dificuldades socioeconômicas oriundas do capitalismo. A opressão estatal e empresarial motivou 28 tecelões a buscar soluções para seus problemas por meio de associações. Com o objetivo de auxílio mútuo, foi criada a primeira cooperativa que recebeu a denominação de Sociedade dos Probos de Rochdale.

Para que o movimento doutrinário tivesse continuidade e se fortalecesse, os fundadores da Sociedade dos Probos, estabeleceram os princípios fundamentais que continuam sendo considerados a base do cooperativismo moderno. Segundo Junqueira e Gimenes (2009, p. 316), os princípios norteadores do cooperativismo são os seguintes: “igualdade (a cada associado um único voto nas assembleias gerais); democracia (a assembleia geral é o órgão máximo de decisão); solidariedade (entre diferentes cooperativas e comunidade); e, fraternidade (educação, treinamento e formação)”.

Como destacam Zylberstajn e Neves (2000), a missão básica de uma cooperativa é servir como intermediária entre a economia dos cooperados e o mercado, visando promover a integração do produtor à cadeia produtiva e incrementar a renda dos cooperados.

A cooperativa é uma parceira sólida e consistente desde a compra de insumos, passando pela assistência técnica rural e, finalmente, conduzindo o processo de industrialização. Neste último, agrega maior valor aos produtos trazendo resultados positivos para todos os cooperados.

2.1 O cooperativismo brasileiro

As primeiras cooperativas criadas no Brasil foram as de crédito, em 1902, no Rio Grande do Sul, idealizadas pelo padre Theodor Amstadt. Na sequência, em 1906, surgiram as cooperativas rurais idealizadas por produtores agropecuários de origem alemã e italiana, com experiência em atividades desenvolvidas de forma comunitária, que serviu de base para a organização de cooperativas. (NORONHA et. al., 1976).

Segundo Bialoskorski Neto (1998, p. 82), as cooperativas brasileiras são organizadas de acordo com “uma legislação específica, a lei 5.764 de 16 de dezembro de 1971, na qual é expressa, em seu artigo terceiro, a definição da cooperativa como uma sociedade mercantil sem objetivo de lucro”.

O cooperativismo prosperou no país, pois conforme a Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB (2014), em 2012, existiam 6.603 cooperativas dos ramos: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, infraestrutura, mineral, produção, saúde, trabalho, transporte, e turismo e lazer. Se destacam em número, nesse ano, as cooperativas agropecuárias, com 1561 unidades, as de transporte, com 1095 cooperativas e, em terceiro lugar com 1042 unidades, as de crédito. Dessa forma, os três ramos representam 56% do total de cooperativas e, as do agronegócio, são responsáveis por 23,6% do cooperativismo brasileiro.

As cooperativas brasileiras defendem o interesse de 11,1 milhões de cooperados e geram 321.467 empregos diretos. Nos últimos dez anos, o número de cooperados aumentou 79% e a criação de empregos diretos, no setor, registrou uma expansão de 73% (OCB, 2014).

Esses expressivos números justificam o interesse em estudar o segmento voltado ao agronegócio, que ao aglomerar produtores rurais permite ganhos de competitividade e a possibilidade de sua permanência no mercado. Também, na publicação da Revista Exame, das quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro (2014), observa-se que quarenta e nove são cooperativas.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e pesquisa documental, conforme Silva e Menezes (2005, p. 21), “a pesquisa bibliográfica é [...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na internet”. Ainda, segundo Gil (2007, p. 64), a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

A abordagem do problema é natureza quantitativa e qualitativa, pois primeiramente se verifica a quantidade de cooperativas que participam do ranking das quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro, publicado pela revista Exame, em 2014. Posteriormente, são analisados os principais indicadores dessas cooperativas, em relação às quatrocentas empresas, no que se refere as suas vendas líquidas, a sua rentabilidade sobre as vendas, ao seu endividamento geral, ao número de empregados, aos salários e encargos pagos, aos tributos recolhidos e, finalmente, ao valor das suas exportações.

O tratamento estatístico das informações foi realizado por meio do pacote computadorizado SPSS versão 11.0, recorrendo-se inicialmente aos procedimentos de estatística descritiva. Na sequência, para a identificação das diferenças específicas entre os indicadores, utilizou-se o teste T para amostras

independentes.

Abaixo registra-se a equação do teste T:

$$t = \frac{x_2 - x_1}{\sqrt{S_2 \left(\frac{1}{n_1} + \frac{1}{n_2} \right)}}$$

A partir dos resultados do teste T foi possível identificar quais indicadores apresentaram diferenças em seus valores médios ao nível de 5% de significância.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é retrospectiva, ou seja, analisa o resultado dos fatos após terem ocorrido para avaliá-los.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após uma breve retrospectiva do cooperativismo, seus princípios e sua missão, faz-se necessário identificar se as cooperativas têm resultados semelhantes aos das demais empresas do agronegócio, para tanto, estabeleceu-se a comparação de um conjunto de indicadores para cumprir os objetivos previamente estabelecidos no estudo.

Ao listar as maiores empresas do agronegócio brasileiro a Revista Exame (2014, p. 594), define como o universo estudado “os produtores agropecuários, as empresas que fornecem insumos ou prestam serviços a esses produtores e, finalmente, as indústrias que compram matéria-prima agropecuária para processamento”. No caso das últimas, são consideradas apenas as indústrias que elaboram a primeira etapa do processo de agregação de valor ou de transformação de insumos. Ainda, nessa publicação, as empresas foram ranqueadas pelos conceitos de excelência empresarial cujos critérios envolvem a ponderação das seguintes variáveis: crescimento de vendas; liderança de mercado; liquidez corrente; liquidez geral; rentabilidade do patrimônio; e, riqueza gerada por empregado.

Conforme descrito anteriormente, nesse estudo foi elaborado uma análise da participação das cooperativas (quarenta e nove empresas), dentre as quatrocentas maiores do agronegócio brasileiro, ou seja 351 empresas restantes. Foram comparadas as vendas líquidas, a rentabilidade, o endividamento geral, as exportações, o número de empregados, os salários e encargos pagos e, finalmente, os tributos recolhidos. Os resultados são apresentados na sequência.

4.1 Vendas líquidas do agronegócio e do cooperativismo

Foram comparadas as vendas líquidas, cujo valor está expresso em mi-

lhões de reais, das quarenta e nove cooperativas que se encontram entre as quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro. Para tanto, foi elaborada a média das vendas líquidas das cooperativas e, também, das demais trezentas e cinquenta e uma empresas. O Quadro 1 apresenta os resultados das médias, que apontam vendas de R\$ 1.507,73 milhão para as cooperativas, no ano de 2013. As cooperativas venderam mais do que, em média, as demais empresas que evidenciaram vendas líquidas médias de R\$ 1.320,5 milhão, no mesmo período.

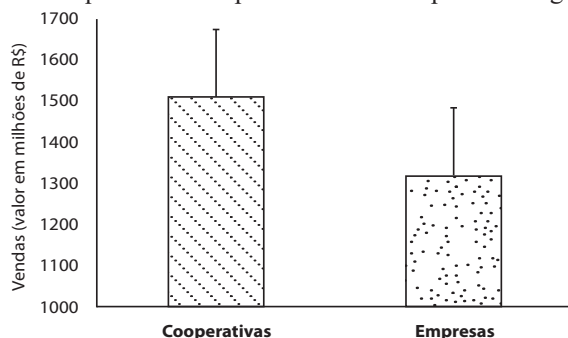
As boas práticas do cooperativismo tornaram-se uma estratégia do setor na conquista de maiores nichos no mercado interno e externo, tais como, estudos sobre novos cultivares em fazendas experimentais; banco de dados sobre a *performance* produtiva de atividades desenvolvidas por cooperados; planejamento das safras, que permitem o assessoramento e a integração entre cooperados e cooperativas; implantação de sistemas de rastreabilidade, que monitoram a trajetória de produtos do cooperativismo, como carne de frango, suína, bovina, leite e grãos; e, entre outras, os investimentos no desenvolvimento de produtos de maior valor agregado. Tudo isso trouxe como consequência a expansão das vendas das cooperativas.

Quadro 1: Vendas líquidas das cooperativas e empresas do agronegócio – em milhões de R\$

Vendas líquidas	Cooperativas	Empresas
Amostra	49	351
Média	1507,73	1320,5

A Figura 1 demonstra as vendas líquidas, em média, de quarenta e nove cooperativas e de trezentas e cinquenta e uma empresas do agronegócio brasileiro, evidenciando a melhor média das cooperativas.

Figura 1: Vendas líquidas das cooperativas e das empresas do agronegócio



4.2 Rentabilidade do patrimônio líquido

A análise da rentabilidade indica se a entidade está criando ou destruindo valor econômico para os sócios. Portanto, por meio do indicador de rentabilidade é possível verificar o valor criado pela empresa para seus investidores. Conforme Matarazzo (2010, p. 11), os índices “mostram qual a rentabilidade dos capitais investidos, isto é, quanto rendeu os investimentos e, portanto, qual o grau de êxito econômico da empresa.”

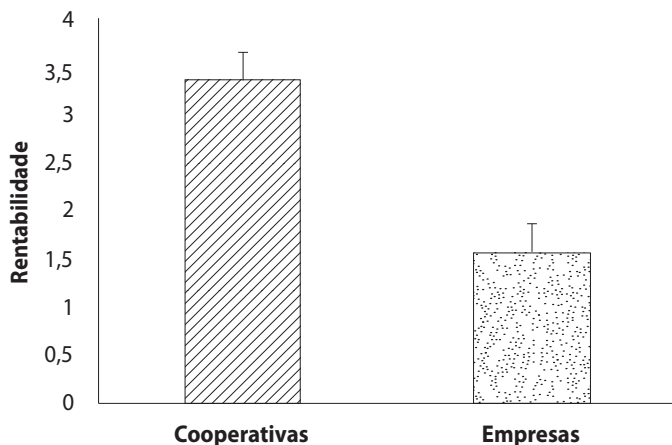
Ainda, segundo Silva (2010, p. 240), “o índice de retorno sobre o patrimônio líquido (*Return on Equity* - ROE) indica quanto de prêmio os acionistas ou proprietários da empresa estão obtendo em relação a seus investimentos no empreendimento.”

Quanto à rentabilidade do patrimônio líquido, em média, as 46 cooperativas, cujos dados permitiram o cálculo desse indicador, apresentaram uma rentabilidade de 3,35%, ou seja, para cada 100 reais de capital próprio investido obteve-se mais de 3% de rentabilidade do capital próprio. Conforme demonstra o Quadro 2, as demais empresas do agronegócio (303 empresas forneceram os dados) apresentaram, em média, uma rentabilidade do patrimônio líquido de 1,56%. Matarazzo (2010), afirma que quanto maior o lucro, com relação ao capital investido, melhor. Portanto, as cooperativas criaram mais valor para os seus cooperados, do que as demais empresas da amostra em estudo.

Quadro 2: Rentabilidade do patrimônio líquido

Rentabilidade	Cooperativas	Empresas
Amostra	46	303
Média	3,35	1,56

Os índices de rentabilidade interessam aos proprietários de empresas, aos investidores, aos cooperados, aos fornecedores, aos bancos e demais instituições financeiras, pois permitem acompanhar a remuneração do capital investido, avaliar a solidez da empresa, bem como, sua capacidade de cumprir os compromissos correntes. Conforme demonstra a Figura 2, em média, a rentabilidade média do patrimônio líquido de 46 cooperativas é nitidamente melhor, do que a média evidenciada nas trezentas e três empresas do agronegócio brasileiro que forneceram os dados.

Figura 2: Rentabilidade do patrimônio líquido

4.3 Endividamento geral

O índice de endividamento geral relaciona as duas grandes fontes de recursos da empresa, capital próprio e de terceiros. Portanto, o gerenciamento do endividamento é a maneira encontrada pela empresa para compor de maneira eficaz sua estrutura de capital, ou seja, suas fontes de financiamento.

Quanto maior for o passivo circulante da empresa, maior é o seu endividamento de curto prazo, ou seja menor é o prazo que possui para quitar suas dívidas. Por outro lado, quando o endividamento da empresa é de longo prazo, significa que utiliza linhas de financiamento e contratos de crédito de prazos mais alongados. Sem dúvida, isso é favorável, pois diminui seu risco de inadimplência no curto prazo, permite o planejamento da utilização dos recursos de terceiros por maior tempo, melhora sua alavancagem, além do que, no Brasil, em especial, os juros pagos nos empréstimos de longo prazo, normalmente são menores do que os cobrados no curto prazo.

O índice de endividamento geral mostra, em termos percentuais, a parcela de bens e direitos da empresa financiada por capital de terceiros. Assim, quanto menor esse índice mais segura é considerada a empresa pelos agentes financeiros, pois isso indica que a mesma utiliza maior proporção de capital próprio, cuja exigibilidade não tem data marcada para ser realizada, diferentemente das obrigações junto às instituições financeiras, cujos prazos de vencimento são antecipadamente contratados entre as partes.

Conforme demonstra o Quadro 3, 354 empresas do agronegócio apresentaram os dados que permitem analisar seu endividamento geral, dessas 46 são

cooperativas. Observa-se que, em média, o índice de endividamento das cooperativas encontra-se próximo ao das demais empresas. As 308 empresas utilizam em média 63,56% de capital terceiros, enquanto as 46 cooperativas financiaram-se, em média, com 64,07% de recursos de terceiros. Observa-se que embora exista, em valores absolutos, diferença entre os índices, estatisticamente esta diferença não é significativa.

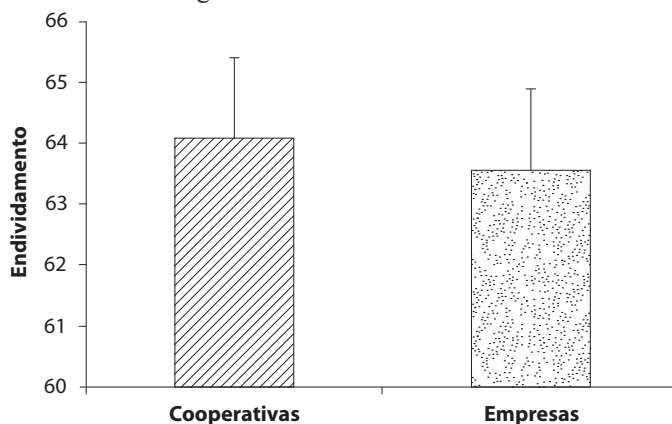
Alves (2003), afirma que o motivo que induz as cooperativas a financiar seu processo de crescimento com recursos de terceiros, se deve à sua natureza, pois a legislação e a própria doutrina cooperativista impõem limites à autocalcapitalização. Ainda, esse autor explica que o princípio cooperativista inibe a retenção das sobras, haja vista que os associados preferem apropriar-se privadamente dos recursos, ao invés de contribuir para a capitalização da empresa.

Quadro 3: Endividamento geral

Endividamento	Cooperativas	Empresas
Amostra	46	308
Média	64,07	63,56

É importante destacar que as cooperativas agropecuárias atuam como bancos, fornecendo recursos para os produtores que não conseguem captá-los no mercado financeiro. Dessa forma, assumem riscos crescentes, e, como não possuem recursos próprios para realizar esses empréstimos, captam-nos junto às instituições financeiras e, portanto, assumem o risco do crédito para financiar o associado.

Figura 3: Endividamento geral



A Figura 3 demonstra, em média, o endividamento geral de 46 cooperativas e de 308 empresas do agronegócio. Como é possível observar a diferença, entre os dois grupos estudados, não é significativa em termos estatísticos.

4.4 Exportações

O agronegócio é um segmento da economia brasileira com espaço para crescer, pois o país se destaca como um dos principais fornecedores mundiais de alimentos. Apesar de significativa participação na produção de diversas culturas como soja, milho, café e laranja, o setor precisa ampliar ainda mais a agregação de valor aos produtos primários. Nesse sentido, as cooperativas têm enfrentado o desafio, sendo essa uma de suas estratégias para aumentar a competitividade e lucratividade no mercado, além de possibilitar melhorias na renda do produtor rural.

O agronegócio brasileiro exportou US\$ 101,5 bilhões, em 2013, verificando-se um aumento de 4% em relação ao ano anterior e um novo recorde, em termos nominais, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA, 2014). A expansão ocorreu em volume, com alta de 14,2%, haja vista que os preços médios, de exportação em dólar, recuaram 7,5% no período.

No ano de 2013 a balança comercial brasileira apresentou um reduzido superávit de US\$ 2,5 bilhões. Como o superávit do agronegócio foi de US\$ 83 bilhões, o setor contribuiu de maneira significativa para amenizar o saldo comercial deficitário de outros segmentos da economia.

Nos últimos 14 anos o agronegócio brasileiro tem contribuído fortemente para a geração de divisas, pois de 2000 a 2013 gerou mais de US\$ 500 bilhões para o país. Enquanto os preços externos aumentaram 101%, o volume exportado cresceu quase 230% e o saldo comercial 468%. (CEPEA, 2014).

Comprova-se a importância do agronegócio para a economia brasileira, uma vez que o setor, além de criar emprego e renda, contribui para a estabilidade macroeconômica do país, ao amenizar o déficit comercial oriundo de outros setores produtivos.

Quadro 4: Exportações das 164 maiores empresas do agronegócio brasileiro – em milhões de US\$

Exportação Valor	Cooperativas	Empresas	Exportação % Valor	Cooperativas	Empresas
Amostra	26	138	Amostra	26	138
Média	159,61	388,64	Média	19,91	33,22

O Quadro 4 apresenta dados acerca das exportações das 164 empresas do agronegócio, dessas 26 são cooperativas. As demais empresas não divulgaram as informações sobre suas exportações.

Observa-se no Quadro 4, tanto no valor em milhões de dólares, como em porcentagem que, em média, as 138 empresas que se dedicam ao agronegócio, exportaram mais que as cooperativas. Enquanto as 26 cooperativas exportaram, em média, US\$ 159,61 bilhões em 2013, as outras empresas do agronegócio brasileiro enviaram ao exterior US\$ 388,64 bilhões, no mesmo período.

4.5 Empregos diretos, salários e encargos

O Quadro 5 demonstra que as 218 maiores empresas do agronegócio geraram, em média, maior número de empregos diretos do que as cooperativas. As quarenta e seis cooperativas analisadas, em média, geraram 2283 empregos diretos, enquanto as 218 empresas empregaram, em média, 2941 pessoas, em 2013.

Quadro 5: Número de empregos gerados, salários e encargos - em milhões de US\$

Número de empregados	Cooperativas	Empresas	Salários e encargos	Cooperativas	Empresas
Amostra	46	218	Amostra	40	188
Média	2283,2	2941,64	Média	34,83	53,98

No que se refere ao pagamento de salários e encargos, 188 empresas do agronegócio pagaram, em média, US\$ 53,98 bilhões. Por sua vez, as 40 cooperativas analisadas pagaram, em média, US\$ 34,83 bilhões de salários e encargos, em 2013.

4.6 Tributos

Segundo Gozer, Campos e Menezes (2007), os atos cooperativos são as operações realizadas pela cooperativa em nome dos associados e, os atos não cooperativos, são aqueles que a cooperativa realiza em seu próprio nome. Ainda, conforme os autores, são atos não cooperativos, os negócios que envolvem a cooperativa e pessoas físicas não associadas e os que envolvem a cooperativa com o mercado, sendo portanto, tributáveis.

No caso dos atos cooperativos, o resultado das operações podem ser

sobras ou perdas. As sobras são devolvidas aos associados na proporção de sua participação na operação de cada produto, por isso não são tributadas. No caso de perdas, as mesmas serão cobertas pelo fundo de reserva e, sendo esse insuficiente, serão rateadas entre os associados, conforme a participação de cada um na comercialização dos produtos.

Por sua vez, as transações que dão origem aos atos não cooperativos podem gerar lucros ou prejuízos. Os lucros são destinados ao Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social - FATES da cooperativa, não podendo ser objeto de rateio entre os associados. Entretanto, se ocorrer prejuízo, deve ser descontado da Reserva Legal, e sendo essa insuficiente, o prejuízo será rateado entre os associados.

Quadro 6: Tributos pagos – em milhões de US\$

Tributos	Cooperativas	Empresas
Amostra	38	153
Média	19,22	76,22

O Quadro 6 apresenta os tributos pagos no ano de 2013, em média, por 38 cooperativas e por 153 empresas do agronegócio, em milhões de dólares. Verifica-se que enquanto as empresas recolheram em média um valor superior a US\$ 76 bilhões de tributos, as cooperativas recolheram em média US\$ 19,22 bilhões. Essa enorme diferença entre os valores, deve-se ao fato de serem tributados somente os atos não cooperativos.

O Quadro 7 apresenta os resultados da participação relativa das cooperativas em relação ao ranking das quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro, publicado pela revista Exame, em 2014, em alguns indicadores selecionados.

Quadro 7: Participação das cooperativas em relação às empresas do agronegócio em alguns indicadores selecionados – em percentual

Indicadores	Participação (%)
Vendas Líquidas	13,75
Exportações	7,18
Empregos	14,07
Salários	13,13
Tributos	6,26

Os resultados apresentados no Quadro 7 identificam a maior partici-

pação relativa das cooperativas na geração de empregos (14,07%). Na sequência e nessa ordem, verificam-se as participações relativas nas vendas líquidas (13,75%) e no pagamento de salários (13,13%). As menores participações relativas ocorreram nas exportações (7,18%) e no recolhimento de tributos (6,26%).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transcorridos 170 anos do surgimento da sociedade dos probos de Rochdale, os princípios de equidade, democracia, liberdade e ética nos negócios continuam válidos. Assim, o cooperativismo é um suporte para a sobrevivência de pequenos empreendimentos, defendendo-os das distorções do mercado e da ganância dos atravessadores.

Este estudo permitiu comparar dados econômico-financeiros das cooperativas e empresas do ranking das quatrocentas maiores empresas do agronegócio brasileiro, publicado pela revista Exame, em 2014.

No que se refere ao índice de endividamento geral, muito embora exista, em valores absolutos, diferença entre os índices, estatisticamente o mesmo não é significativo. Quanto à rentabilidade do patrimônio líquido, em média, as cooperativas apresentaram uma taxa superior a das demais empresas do agronegócio. Já no que se refere aos tributos, as empresas investigadas pagaram, em média, 3,9 vezes mais tributos do que as cooperativas. Também, as empresas, em média, exportaram mais, geraram maior número de empregos e pagaram mais salários e encargos do que as cooperativas na amostra em estudo.

Convém destacar que o agronegócio e o cooperativismo foram essenciais, para que o Brasil pusesse em marcha, no início do século XXI, um importante processo de inclusão social e distribuição de renda. Resta ainda, o trabalho de criar condições para que tanto as empresas do agronegócio, como as cooperativas, se posicionem melhor e liderem cadeias de geração de valor, tendo a inovação e a presença no mercado global como metas.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. G. **As cooperativas agropecuárias e o BRDE** – histórico, situação atual e perspectivas. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. Diretoria de Planejamento. Superintendência de Planejamento, 2003.

BARROS, G. S. C.; SILVA, A. F.; FACHINELLO, A. L. **Agronegócio brasileiro fecha 2010 com alta de 5,5%**. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/CepeaPIBBRdez10.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 2008.

BIALOSKORSKI NETO, S. **Cooperativas**: economia, crescimento e estrutura de capital. 1998. 257 f. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) - Escola Superior da Agricultura Luiz de Queiroz - Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1998.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – CEPEA. PIB do agronegócio - de 1994 a 2013. Disponível em: <<http://cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

AS 400 MAIORES do agronegócio brasileiro, **Revista Exame**, São Paulo, ed. 2014, p. 594-611, jun. 2014.

FONSECA, E. G. da. Saiba como os teóricos interpretam o processo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno 1, 02 out. 1998, p. 2.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOZER, I. C.; CAMPOS, G. R.; MENEZES, E. A. O adequado tratamento dos atos cooperativos e dos atos não cooperativos na elaboração da demonstração de resultado do exercício das cooperativas agropecuárias, **Rev. Ciênc. Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 8, n. 1 e 2, p. 141-154, jan./dez. 2007.

JUNQUEIRA, C. P.; GIMENES, R. M. T. Cooperativa Agroindustrial Lar: conciliando a doutrina cooperativista e a competitividade de mercado. **Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR**, Umuarama, v. 10, n. 2, p. 315-345, jul./dez. 2009.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços**: abordagem gerencial. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NILSON, J. Principios y practicas en cooperativas de producción. In: MONZÓN, J. L.; ZEVI, A. (Org.). **Cooperativas, mercados, principios cooperativos**. España: CIRIEC/INFES, p. 257-289, 1994.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS - OCB. Panorama Nacional do cooperativismo - 2012. Disponível em: <http://www.brasilcooperativo.coop.br/GERENCIADOR/ba/arquivos/numeros_do_cooperativismo__ano_referencia_2012.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2014.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, J. P. da. **Análise financeira das empresas**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ZYLBERSTAJN, D.; NEVES, M. F. (Org.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição. São Paulo: Pioneira, 2000.